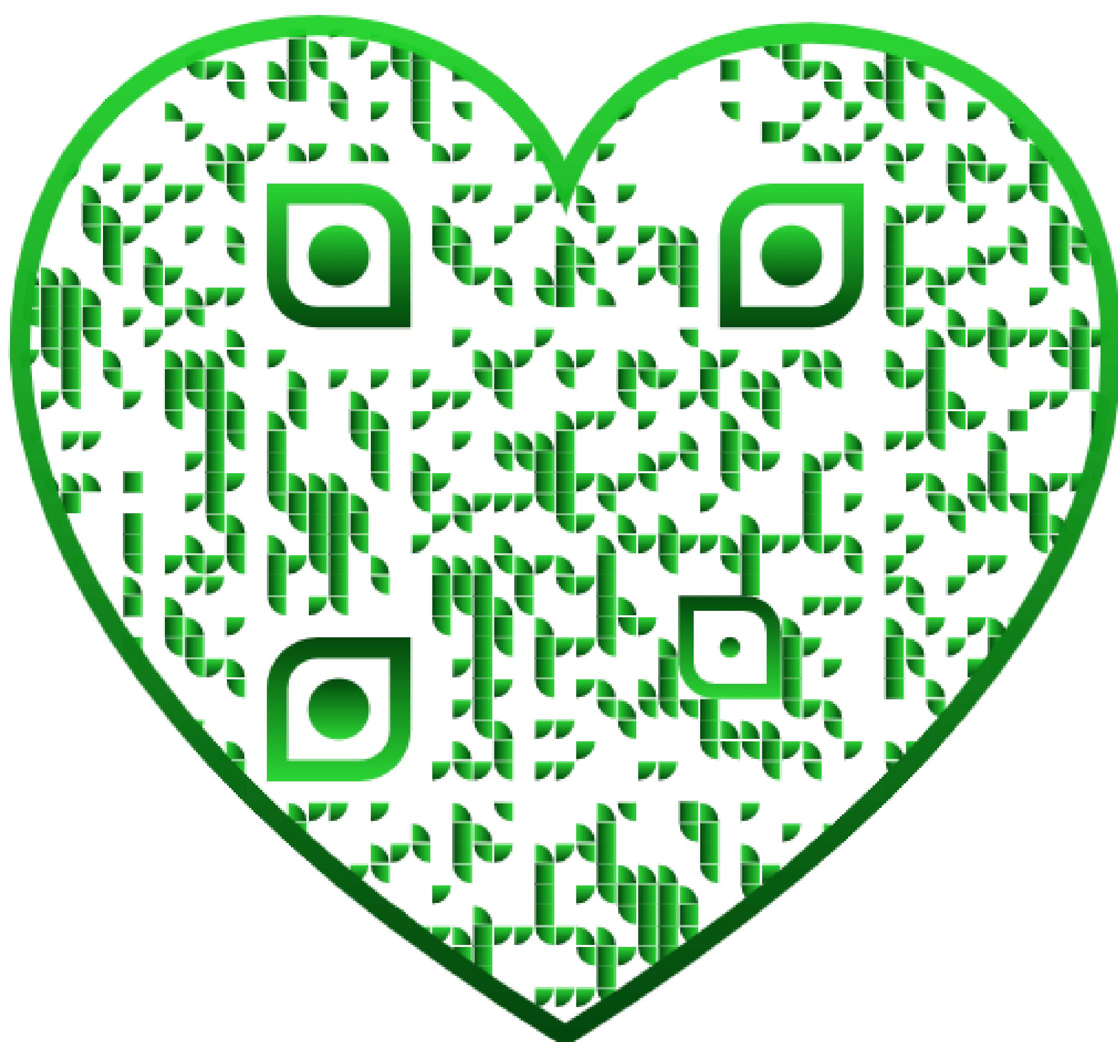
DIÁRIO ÍNTIMO DE UM MAGO

Itapoã de Andrade

VirtualBooks



Apoio:



Patrocínio:



Bradesco

Realização:



DIÁRIO ÍNTIMO
DE UM MAGO

Itapoã de Andrade

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br
Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

O Autor deste livro gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições. Estamos à espera do seu e-mail.

DIÁRIO ÍNTIMO DE UM MAGO
por Elieó-Enai

1 - A iniciação

O Morro do Borel, na Tijuca, Zona Norte do Rio, é uma bola de fogo. Um sujeito me põe a mão no ombro e propõe:
- Vamos até o alto. Depois a gente desce pelo Andaraí.
Um outro atalha:
- Segura a onda aí, ô bundão. Quer levar um pipoco?
Estranho. As estrelas descem para a fogueira. Depois sobem em rajadas brilhantes. A noite tem risos dementes. Véio Birruga coça a excrescência na ponta do nariz e me estende um pedaço de pau:
- Busca o teu cajado!
Cambaleio para junto de Véio Birruga e tento pegar o porrete, mas um desdentado me joga por terra com uma coronhada:
- Imbecil! - berra o bruxo de nariz proeminente. - Queres ser um Tobit? Um Tobit de Naftali? Responde, verme!
Levanto a cara suja de lama e digo que sim. Véio Birruga me fulmina com seu olhar de desprezo:
- Então busca teu próprio cajado. A irmandade espera teu sacrifício.

2 - A resposta

Deixei o Borel humilhado e atônito. Eliana, que me levara ao ritual de iniciação dos magos, tentava me consolar. Imaginei-a nua. Uma dúvida persistia:
- Onde eu encontro o meu cajado?
A boca carnuda de Eliana me iluminou:
- A resposta está no Caminho de Santiago.

3 - Explicação necessária

O Caminho de Santiago é uma rota de peregrinação de 700 quilômetros. Vai de Saint Jean Pied-de-Port, na França, até Santiago de Compostela, na Espanha. Na catedral da cidade espanhola, estão os restos mortais do apóstolo Tiago. O nome Tiago deriva de Iago (por sua vez derivação de Jacó) e significa "agarrador de calcanhar". A definição reflete bem o temperamento de Tiago: impetuoso, determinado, um bravo que sabia atacar os pontos fracos dos inimigos. Assim foi a trajetória de Tiago desde que, juntamente com o irmão João, deixou a pescaria para seguir Jesus, até ser assassinado a golpes de espada a mando de Herodes Agripa I.

4 - Outra explicação necessária

A Irmandade Tobit de Naftali perpetua as artes secretas de um grande manipulador dos poderes sobrenaturais nos tempos bíblicos. A história do mago Tobias (ou Tobit) está num dos livros apócrifos, que, desde o Concílio de Trento, em 1546, fazem parte dos cânones da fé católica. Tobias era filho de um judeu da tribo de Naftali, que fora deportado para Nínive e ficara cego quando um pássaro defecara em seus olhos. O velho um dia mandou o filho cobrar uma dívida na cidade de Ecbátana. Sempre guiado por um anjo, Tobias encontrou uma viúva que se casara sete vezes, mas continuava virgem: seus maridos eram sempre assassinados, na noite de núpcias, por Asmodeu, um espírito mau. Tobias pegou o coração e o fígado de um peixe, queimou os órgãos e expulsou o demônio. Depois se deitou com a mulher e conseguiu desvirginá-la. De volta a casa, o mago aproveitou o fel do mesmo peixe de antes para devolver a visão a seu pai.

5 - O problema

Dinheiro para a viagem em busca do cajado. No custo se incluía um par de tênis Adidas para enfrentar a penosa caminhada. Raspei a caderneta de poupança, xinguei a mãe do meu patrão para ser mandado embora e pegar o Fundo de Garantia. Ainda faltava muito. Minhas preocupações aumentaram quando Eliana telefonou:
- A França cobra o visto.
Em meio a profundo abatimento, peguei a coleção de selos raros do meu pai para me distrair.

6 - A solução

Um anúncio no "Globo" e lá se foi para outras mãos a coleção do meu pai. Me preparei para partir antes que ele voltasse das férias com a minha mãe.

7 - O rompimento

Nunca pensei que uma passagem de avião custasse tão caro. Foi o que eu disse ao moço da agência de turismo. Ele me chamou para um cafezinho no botequim em frente:
- Você liga para conforto?
Respondi que não, só me importava a busca do cajado. Ele olhou para os lados, conspirativo:
- Dá-se um jeito.
Foi uma semana de intensa preparação. Passei na casa de Eliana. Foi um rompante, uma idéia besta. Ela atendeu a porta metida num roupão, os cabelos molhados. Cinco sílabas para a mulher recém-saída do banho: ir-re-sis-tí-vel. Combinamos que mandaria notícias para o Brasil

através de Eliana e vice-versa. Na hora da despedida, me descontrolei e pus a mão num dos seios que estufavam o roupão. Um só, mas ela reagiu como se eu tivesse patolado os dois:
- Sai daqui, seu escroto!
Deixei o apartamento indignado. Uma amizade rompida por causa de uma convenção. Que crime é esse de se pôr a mão num único seio?

8 - O embarque

O funcionário da companhia aérea me esperava do lado de fora do Aeroporto Internacional, na Ilha do Governador. Paguei US$ 200 e ele me levou até um galpão. De lá, entramos num matagal e caminhamos uns dez minutos até uma cerca alta, com arame farpado, de onde se viam os aviões.
- Está vendo aquele, com a faixa vermelha? É o seu. Corre até lá que o meu chapa vai lhe dar as instruções.
Passei por um buraco na cerca e pus sebo nas canelas. Foi então que gritaram:
- Alto lá!
Era uma sentinela. Eu estava cismado com aquela guarita, mas o funcionário da companhia me garantira que ninguém estava de guarda. Meu coração gelou. A pista ainda estava longe, começou a doer embaixo da costela.
- Pára senão eu atiro!
As balas zuniam por todos os lados. Continuei a correr, meio palmo de língua para fora, a mochila fazendo a corcunda latejar. Logo sirenes ecoaram. Alcancei o avião e um sujeito de macacão me puxou para trás de um monte de malas:
- Que merda, seu! Trepa logo!
Escalei a roda do avião e entrei no compartimento do trem de aterrissagem.

9 - O vôo

O pior ficou para trás. Foi o que pensei depois que o Boeing decolou. Me lambuzara de graxa agarrando onde era possível. À medida que o aparelho se inclinava, eu era puxado cada vez mais perigosamente para a abertura do trem de aterrissagem. Quando meus pés já balançavam no ar, as rodas se recolheram e as portas fecharam. Então pensei: o pior ficou para trás.

Mas a ignorância é inimiga do sucesso e então lamentei não saber mais sobre altitude, latitude, Linha do Equador, Hemisfério Sul e Norte. O Rio de Janeiro é uma fornalha. Não me ocorrera que em outro ponto do planeta pudesse ser diferente. Nem me passara pela cabeça que, a dez mil metros de altura, a temperatura caísse tanto. Revirei a mochila, mas era inútil: para o frio, eu só trouxera a minha surrada jaqueta jeans, agora com um furo de bala no bolso direito.

Vesti dez camisetas, cinco pares de meias e duas calças. Depois me encolhi à maneira dos fetos:

- Que venha o frio! - berrei, mas não me ouvi, por causa do barulho que fazia lá dentro.

10 - A chegada

O avião já estava no aeroporto de Madri há uns dez minutos, mas eu permanecia imóvel. Meu corpo enrijecido não obedecia ao cérebro. Para tentar vencer o torpor, comecei a gemer, mas até isso era difícil. Parecia que a minha cara tinha sido plastificada. Continuei a gemer, balir, zurrar, grunhir. Então apareceu a cabeça dum bigodudo:

- Hombre, mas que porra é essa?

Vieram outros bigodudos. Metiam a cabeça e soltavam exclamações. E eu ali, paralisado. Um deles então me puxou. Enquanto me desciam para colocar num carro cheio de malas, vi ficar para trás uma orelha.

Logo depois um pé, com o mesmo tênis que eu usava.

11 - A enfermaria

Acordei na maca de um hospital, algemado. Usava uma bata ridícula sobre o corpo nu. A roupa era curta e deixava ao léu a genitália. Ergui com dificuldade a cabeça e constatei a desgraça: no lugar do pé esquerdo, apenas um cotoco enfaixado. Já estava me conformando, quando me lembrei da orelha no chão do avião. Quis chorar, mas uma dúvida me atormentou mais que a tristeza da mutilação: era a orelha esquerda ou a direita?
Uma enfermeira se debruçou sobre a maca para me tomar a temperatura. Seus peitos estupendos me roçaram a barriga e acenderam o baixo-ventre:
- Sexo - implorei, como o sedento no deserto suplica por água. - Sexo.
Ela ignorou o apelo e partiu pisando forte. Com a humilhação que só os aleijados conhecem e a mão que não estava algemada, entreguei-me a uma penoso exercício de auto-erotismo.

12 - A orelha

Dias depois me levaram à presença de um oficial bigodudo. Eu já pegara o jeito com a muleta e dera o tênis que estava no meu antigo pé a um outro paciente. Chamava-se Julio, tinha um vasto bigode e perdera o pé direito esmagado por um elefante do circo onde era bilheteiro.
Sentei-me diante do oficial. Ele era responsável pelo setor de custódia do hospital e chamou alguém pelo interfone sobre a mesa. Então entrou na sala um outro bigodudo uniformizado e colocou no meu colo uma caixa de isopor.
- Quer dar uma olhada, maricón?
Meus olhos se encheram de lágrimas ao abrir a caixa. Como evitar a emoção ao rever alguém com quem se viveu por 25 anos? Ali estava a

minha orelha direita, que o frio no avião fizera despencar.
- Você sabe - disse o segundo oficial, que era da Imigração - o seu pé era um caso perdido, necrosado, uma pústula só. Mas essa orelha, hombre, está nova em folha, é orelha de recém-nascido.
No meio de cubos de gelo, ela de fato não aparentava a idade que tinha. O oficial se sentou na mesa e continuou:
- Em resumo, o transplante é possível. Mas a pergunta é: o que você tem para nos oferecer?
O oficial queria nomes. Segundo ele, havia uma rede de importação de travestis do Brasil, que transportava as loucas para a Espanha do mesmo modo que eu chegara ao país. Eu não sabia nada daquilo. Tinha levado inclusive passaporte e pretendia passar normalmente pela Alfândega. Mas o bigodudo não gostou da resposta e me deu duas bolachas. Continuei negando e as bolachas foram se sucedendo. Até que ele mandou o oficial da custódia deixar a sala e trancou a porta. Pegou álcool e despejou sobre a orelha. Depois acendeu o isqueiro:
- Maricón, pelo amor de sua orelha, alguma coisa você vai ter que me dar.
Aquela mão cabeluda tremia ao baixar o zíper da calça cáqui.

13 - A dúvida

As coisas que um discípulo de Tobit não faz na busca de seu cajado. Meu temor era o seguinte: aquilo vicia? Ofendido e sem dinheiro - o oficial da Imigração me roubara tudo - deixei o hospital. No passaporte, o carimbo da Alfândega. No lado direito da cabeça, a orelha transplantada ainda coberta por esparadrapo. Sob a axila esquerda, a muleta doada pelos médicos espanhóis. Manquejando pela Gran Vía, famosa avenida de Madri, meu destino era o consulado da França. Ia tirar o visto para poder, finalmente, iniciar minha peregrinação em Saint Jean Pied-de-Port.

14 - O reflexo

Andei 52 quarteirões na fria manhã de Madri até chegar ao consulado francês. Com o sovaco em carne viva, estendi meu passaporte ao funcionário e ele me estendeu a mão:
- São tantos francos, monsieur.
Caí das nuvens. Estava crente que o visto sairia de graça. Era o que tinha me dito o moço da agência de turismo:
- Besteira. Se você tirar o visto aqui no Brasil, vai pagar uma nota. Deixa para tirar em Madri - ele aconselhara.
Baqueei diante de mais uma vicissitude. Peguei de volta o passaporte e pedi para ir ao banheiro. Lá dentro, olhei a cara infeliz no espelho e tive a idéia de rever a minha orelha direita. Tirei o esparadrapo e levei um choque: tinham implantado em mim uma outra orelha esquerda. Para que ela não ficasse de cabeça para baixo, os médicos a costuraram voltada para trás. Levando-se em conta que sou branco, era interessante também ver a cor da orelha: preta como a noite. Imaginei que, em algum lugar de Madri, um negro circulava com a minha orelha direita.

15 - A fome

Vagando pelas majestosas avenidas de Madri, eu tinha visões místicas. Parava em frente a braseiros, ficava olhando os galetos em espetos, rodando. Logo havia anjos de carne bronzeada voando à minha volta. Além da fome, o frio continuava me atormentando. Meus lábios estavam rachados e a orelha preta ardia com o vento cortante. Eu entrava nas lojas só para me aquecer. Numa delas, um magazine imenso, de não sei quantos andares, uma estranha força me atraiu para o banheiro. Na porta de uma cabine fechada, vi um casaco pendurado. Desonerei a bexiga, puxei o casaco e saí capengando o mais rápido que pude.
- Pega ladrão!

O sujeito começou a gritar, mas devia estar num momento crítico da função, porque não saiu logo. Tive bastante tempo e as pessoas ainda me davam passagem ao verem a muleta. Peguei a escada rolante e, do andar de baixo, vi meu benfeitor de olhos esbugalhados e calças na mão praguejando pelo setor de lingerie.

16 - A explosão

Eu admirava com fervor religioso a vitrine de uma peixaria na Calle de Alcalá. Um segundo depois, estava na calçada do outro lado da rua, com três braços. Só então ouvi o estrondo. Um ônibus fora para os ares bem ali em frente. Dedos enfeitavam a fachada dos prédios, tufos de cabelo ardiam como tochas, pessoas sem cabeça corriam desnorteadas, cabeças sem corpo berravam por socorro. O horror, o horror. Uma mulher veio na minha direção chorando. No lugar do braço esquerdo, um esguicho de sangue. Era a dona do braço que fora arremessado para cima de mim na hora da explosão.

- Me ajude, pelo amor de Deus!

Estendi-lhe o braço (o dela), mas a mulher se jogou sobre o meu corpo, ofegante, gemendo. Usava uma minissaia negra, suas coxas grossas reluziam com a meia preta. Experimentei uma perturbação dos sentidos. Patolei suas coxas monumentais, bolinei seus glúteos, dei vazão aos instintos mais primevos.

Então a rua se encheu de sirenes, uniformes, cordões de isolamento. Um médico me arrancou dos braços a voluptuosa mutilada e eu, cheio de dores, peguei a muleta e deixei o cenário do atentado.

17 - O sinal

Jamais pensei em desistir da busca pelo cajado. Mas começava a me perguntar se estaria no caminho certo. Já estava até lamentando ter me

desfeito do braço daquela mulher. Poderia dar um bom assado. Então uma voz me soprou na orelha preta:
- A bolsa.
Só nesse momento percebi que segurava uma bolsa feminina. Dentro dela, um punhado de pesetas e o retrato da dona: era a devassa que perdera o braço na explosão do ônibus. Me ajoelhei na calçada e comecei a chorar. Saber que Deus velava por meus passos foi uma grande emoção. Provando que escreve certo por linhas tortas, Ele colocara naquele ônibus a bomba que proveria meu alimento.
Separei o dinheiro e joguei a bolsa com os documentos numa lata de lixo.
A glutonaria é condenada pela Bíblia. Até ser amigo de um comilão infringe os preceitos bíblicos. “Aquele que mantém companheirismo com os glutões humilha seu pai”, está escrito. Pela Lei, os pais de um filho glutão eram obrigados a conduzi-lo até os anciões da aldeia, que providenciariam a sua execução por apedrejamento. Nada disso tirou meu apetite de refugiado. Entrei num restaurante e devorei cinco pratos.

18 - O sonho

O casaco que a Providência pusera em minhas mãos resolvera apenas em parte o problema do frio. Meu único pé, minhas pernas, meu pescoço, tudo estava congelando. Decidi comprar roupas apropriadas ao clima, mas antes precisava descansar. Entrei numa estação do Metrô, pus o dinheiro no tênis e adormeci profundamente. Eu bebera muito vinho e sonhei com Noé. Também ele, logo depois do dilúvio, lavara a garganta por dentro com o sangue de Jesus. Está escrito: assim que desembarcou da arca, Noé foi o primeiro a plantar uma vinha. Dela fez um vinho muito doce que o fez cair no sono, desnudo, em sua tenda. Um de seus filhos o viu pelado e, querendo debochar do pai, chamou os outros dois irmãos. Mas eles se recusaram a ver a nudez de Noé: entraram de costas na barraca e puseram um manto sobre o seu corpo.

Eu era Noé e esperava na tenda pelos filhos que me cobririam a nudez. Que fosse rápido, porque eu tiritava de frio. Até que um dos rapazes entrou e começou a me sacudir violentamente.
- Acorda, ô vagabundo!
- Cadê o manto, ó filho meu?
- Manto é o carajo!
Acordei levando bolachas de um policial. Curiosos riam sem piedade. Assim como Deus dá, Deus leva: eu estava só de cueca, tinham roubado inclusive o tênis com o dinheiro. Meu único pé latejava no chão gelado.

19 - A caridade

O policial me levou para o consulado brasileiro, mas era dia de jogo da seleção e eles não deram expediente. Então fomos para uma associação cristã de assistência aos desvalidos. Eu só de cueca, congelando. Não passei da recepção.
- Nem pensar. Estamos lotados.
Quem me barrou foi uma dona de peito descomunal. Instalada na recepção, com os seios esparramados sobre a mesa, a mulher começou a discutir com o policial.
- Estou farta desses vagabundos! Fodam-se todos! - gritava a peituda.
O policial argumentava que eu era um desgraçado, apontava para a minha orelha preta invertida, para o meu cotoco. Ela não se comovia.
- Fodam-se todos! Malditos pobres!
Tudo encerra uma lição. Mesmo as situações mais adversas. Contemplando aqueles pudins que transbordavam do decote, compreendi o sentido real da expressão “fazer uma espanhola”.
- Raça fodida de inúteis!
Não pude ficar no abrigo, mas ela concordou em pelo menos me dar roupas velhas e um cobertor.
- Que coño aconteceu com a tua orelha, hombre?

- É uma longa história... - respondi.
- Que se foda também!

20 - O calor

Fui dormir no Parque do Retiro, uma área verde na região central de Madri. Me instalei perto de um lago, que me lembrou o da Quinta da Boa Vista. Eu começava a sentir saudades do Rio, da minha casa, da minha língua, do meu pé, da orelha. Então as lágrimas rolaram grossas, regaram o solo espanhol com a minha dor.

O frio, a fome, a perda do pé e da orelha, o agrado desonroso feito ao policial, tudo isso me pareceu um sonho ruim. E de fato acordei no meu quarto e minha mãe apareceu com chocolate quente e torradas. Então era tudo um pesadelo. Abri a janela e os raios do sol me aqueceram. Senti o calor percorrer meu corpo e parar na cabeça. Logo o cérebro fervia como óleo de pastelaria.

- Socorro!
- Queima, sub-raça! Queima!

Acordei em chamas. Um grupo de neonazistas ateara fogo às minhas roupas. Ardendo como uma tocha, eu corria em direção ao lago, enquanto os jovens uniformizados me perseguiam, jogando gasolina sobre meu corpo. Então uma cigana saiu detrás das árvores com um pedaço de pau e começou a espancar os vândalos. Aproveitei e mergulhei na água gélida.

- Seus merdas! Vão tacar fogo no rabo da mãe! - ela gritava, enquanto distribuía bordoadas.
- A gente vai limpar essa cidade!
- Pois pega uma vassoura e enfia o cabo no culo!
- Você também é sub-raça!

Esse levou uma paulada que deixou a sua boca parecendo uma beterraba.

Ao cabo de alguns minutos, a cigana botara todos para correr. Um sujeito de braguilha aberta saiu da mata, contrariado:

- E o meu boquete, coño?
- Pede para tua mamá!

21 - O amor

Zinara, a cigana, tinha um temperamento sangüíneo. Não admitia injustiça. Ela me levou para a pensão onde morava, cuidou de meus ferimentos, me alimentou. O fogo desfigurara meu rosto. O cabelo se fora, restara apenas uma careca chamuscada. No braço direito, a pele se derretera e o osso assomava, repugnante. Meu aspecto era mais repulsivo que o do leproso de Cafarnaum.
- O que conta é a beleza interior, nene - Zinara dizia, me consolando. Minha linda cigana. Sua beleza encantara o próprio rei da Espanha, segundo me contou:
- Mas Juanito é muito possessivo. Em mim ninguém manda.
Enquanto ela fazia o trottoir na Gran Vía, eu vigiava. Tinha sempre uma faca na cintura. Havia os que não queriam pagar o combinado. Então Zinara me gritava da janela do hotel e eu pegava o caloteiro na porta. Não sei o que assustava mais, se a lâmina brilhante ou a minha aparência monstruosa. O fato é que os devassos, intimidados, acabavam me dando a carteira e saíam correndo.

22 - A fuga

Também Abrão prostituíra sua mulher, Sarai, em nome da sobrevivência. Isso foi antes de Abrão, que significa "pai louvado", ser rebatizado por Javé de Abraão, "pai de uma hoste de nações". Está escrito: Abrão, chegando ao Egito, pediu a Sarai que passasse por sua irmã. Sua beleza seria cobiçada pelos egípcios e o patriarca temia ser morto se fosse apresentado como marido. E assim o Faraó conheceu na carne Sarai e Abrão prosperou: teve casa, escravos, camelos, ovelhas, bois e jumentos.
Zinara me ouvia com atenção na calçada da Gran Vía, quando um gordo lhe fez um sinal. Pouco tempo depois de os dois terem entrado no hotel de uma transversal, ouvi o alerta da minha cigana. Cerquei o

sujeito.
- Comeu tem que pagar - ameacei.
- Vete al carajo!
Zinara apareceu na porta da hotel esbaforida, botando fogo pelas ventas:
- Fura esse broxa!
- Aberração! - insultou o careca.
Então ele se precipitou sobre a faca e Deus lhe sugou a vida pelo buraco no peito. Pegamos sua carteira, reunimos nossas coisas e fomos para a estação de Atocha. Lá embarcamos num trem para Barcelona.

23 - A descoberta

Seguíamos nosso caminho, mas a sombra da dúvida se instalara entre mim e Zinara.
- O que o careca quis dizer com aberração?
A cigana contou o seu mais íntimo segredo e chorou no fim do relato:
- Por isso me expulsaram da aldeia.
Não pude reprimir o assombro. Pensei nos momentos de amor gozoso, nas vezes em que entrei em seus tenros braços.
- Como é que eu nunca notei?
- Eu dava um jeito con las manos.

24 - O sorriso

Fizemos a maior parte da viagem em silêncio. Mas de vez em quando Zinara cismava:
- Você está rindo de mim.
Não era verdade. Quando os neonazistas tacaram fogo em mim, os lábios foram consumidos pelas chamas. Com isso, meu rosto, já disforme, passou a estampar sempre um odioso sorriso sardônico. A cigana sabia disso, mas estava apreensiva por causa da revelação que fizera.

25 - O empreendimento

“Hasta la muerte todo es vida”. A frase de Cervantes, dita por Pepe, afastou qualquer hesitação do meu caminho. Só a busca do cajado sagrado importava.
Conheci Pepe num banco das Ramblas, famosa avenida de Barcelona. Zinara fazia trottoir e eu vigiava.
- Aquela boa é sua?
Respondi que sim e ele propôs a troca. Peguei os papelotes e mandei a cigana fazer o serviço. Freqüentando as boates, descobri que o lucro era certo e rápido. Entrei no negócio em parceria com Pepe. Logo dominávamos toda a área sul das Ramblas, onde ficam os inferninhos. Pepe se valia às vezes das prerrogativas de sócio para se enfiar em Zinara. Ela achava um abuso e andava azeda:
- Quem trabalha de graça é relógio.
A cigana agora dera para me esconder o faturamento. Queria fazer uma operação no Marrocos. Também comecei a ocultar meus rendimentos. Eu já tinha jurado a ela: desistira de percorrer o Caminho de Santiago. Zinara queria constituir família, ter uma cozinha planejada, essas coisas de mulher. Secretamente, porém, eu retomara o projeto da peregrinação. Estudava mapas, elaborava planos para chegar a Saint Jean Pied-de-Port, ponto de partida da jornada.

26 - That’s entertainment

Foi um viciado que me lançou no show business. Ele viu Zinara e se entusiasmou. No dia seguinte, eu e a cigana fomos para a boate dele:
- Sexo bizarro! Esse é o tom do espetáculo - explicou, com os olhos arregalados e as narinas tremulantes.
O show “A traveca e o mutilado” foi o grande sucesso da temporada

no inferninho. Nos apresentávamos em cima de uma rede suspensa sobre a cabeça do público. Eu sem largar a muleta. Um locutor narrava tudo:
- Metade homem, metade mulher! Zinara! Na boca, a polla do monstruoso homem da orelha preta!

27 - O adeus

A dor da despedida. Tudo que fazemos é com o objetivo de evitá-la. Um dia a caixa da descarga escangalhou. Quando tirei a tampa, encontrei o dinheiro que a cigana vinha guardando para a sua operação. Me emocionei às lágrimas: Javé voltava a dar um sinal. Há mais de três mil anos, ele transformara a vara de Moisés em cobra. Agora, mostrava que a salvação pode estar numa retrete. Peguei o dinheiro e o passaporte, fiz a mala e parti, aproveitando que Zinara estava no cabeleireiro.

28 - O visto

- Mas por que não, pourquoi pas?
- Porque não.
Foi desse jeito que o funcionário do consulado explicou. Eles tinham decidido não me conceder o visto, e pronto. Mostrei a carteira recheada, l'argent, gritei, mas foi inútil. Aqueles racistas se davam esse direito absurdo: escolher quem entraria ou não em seu país. Como se o mundo não fosse de um só Deus.

29 - A comichão

Os racistas desconhecem a força de quem está com Javé. Quando cheguei à Estació Sants-Central, onde pretendia pegar um trem para a

fronteira, vi a cigana. Ela andava de uma plataforma para a outra, furiosa, como os lobos do Jardim Zoológico. Fiquei chocado: como as pessoas se apegam a bens materiais.
Mas nada me afastaria da busca pelo cajado. Entrei num restaurante e comi como o rei Salomão. Na outra mesa, duas louras me olhavam ostensivamente. Logo fazíamos amizade: eram alemães, passeavam pela Europa de carro e não usavam sutiã. Pretendiam subir para Biarritz, na França. Poderiam me dar uma carona até uma cidade qualquer antes da fronteira.
Fazia cinco meses que eu chegara à Espanha. Estávamos em julho. Os dias eram longos, luminosos. Visitamos lugares históricos, adquiri muita cultura. E também chatos, infelizmente. A coceira começou leve, mas logo se tornava insuportável. Encontrei chatos até na sobrancelha. Compramos aparelhos de barbear e nos raspamos completamente. Depois aplicamos inseticida em pó. As alemães riam, a bochechuda imberbe, de recém-nascida. Também achavam engraçada a orelha preta e outros detalhes do meu corpo.
Aqueles foram dias abençoados. Saía de uma, entrava em outra e retornava à primeira. Uma voz me ordenava: "Planta a tua semente".

30 - A boca

Com o coração apertado, nos separamos em Pamplona. A cidade estava abarrotada, parecia Madureira. Era a Fiesta de San Fermín, me informaram. Uma espécie de carnaval, entre os dias 7 e 14 de julho.
- Está no livro "O sol também se levanta", do Hemingway - disse a dona da única pensão onde achei vaga.
Seus lábios grosseiros se contorciam de modo obsceno ao dizer "Hemingway".
- Sofreu um desastre, guapo?
- Vários.
Entrei debaixo do chuveiro. Eu matutava num jeito de cruzar a fronteira, quando os beiços intumescidos da estalajadeira invadiram meus pensa-

mentos. Do cérebro para o baixo-ventre não demorou um segundo.
Nesse momento, a mulher entrou no quarto.
- Trouxe as toalhas, guapo.
Ela abriu a cortina do boxe.
- Esqueci de me apresentar: Lola. Lola Boca Loca.
- Por que Boca Loca?

31 - O chifrudo

A procura pelo cajado é cheia de perigos. A toda hora, demônios cruzam o seu caminho. Eu fazia planos para chegar à França. Nos intervalos, consolava a estalajadeira: ela perdera o marido recentemente.
- Olha para mim: diz Hemingway.
- He-min-gway.
Certa manhã, embriagado com o sangue do Messias, fui parar no meio da turbamulta. A choldra berrava ensandecida, dava cotoveladas, pontapés. De repente abriu-se uma clareira. Então me vi diante de um demônio negro, furibundo, com a forma de um touro. Levantei a muleta, ameaçador:
- Pare em nome de Deus!
Mas ele não se deteve. Com bramidos de júbilo, a baba satânica escorrendo, me jogou para o alto. Depois me pisoteou freneticamente. Enquanto isso, a ralé se divertia e uns poucos piedosos tentavam me salvar.

32 - O vazio

Acordei no hospital. Ao lado, Lola Boca Loca chorava:
- Não deu para salvar. Ficou esmagado, entende?
Olhei para a esquerda e não encontrei o meu braço.

- Mas você está rindo, guapo?
Não, meus lábios se derreteram quando fui incendiado pelos neonazistas. Ela sabia disso. Agora minha cara tinha sempre aquele sorriso sardônico. Por dentro eu chorava.

33 - O desconsolo

Fiquei com Lola Boca Loca por mais seis meses. Foi o tempo que levou minha convalescença. Os estragos não se limitaram ao braço esmagado. O demônio me quebrara a perna esquerda e três costelas. Também me esfacelara parte do fígado e um dos pulmões.
Nesse tempo, refleti profundamente sobre a finitude humana e a transitoriedade da carne. Pensava em colocar uma prótese, o fogo vital me abandonara. Olhava os beiços carnudos da estalajadeira e nada acontecia.
- Hemingway. Hemingway - ela repetia, inconsolável.
Inicialmente compreensiva, Lola se tornou amarga com o tempo. Me humilhava até com garrafa de Coca-Cola. Vá-se enfrentar a concorrência de uma multinacional.

34 - O peixe

Lola tinha comprado uma arraia, ia fazer um prato típico espanhol. Sentado na cozinha, eu observava o peixe sobre a pia quando fiquei extremamente perturbado. Uma vertigem se apossou de mim. Boca Loca saíra para comprar certos ingredientes. Me aproximei da arraia: a despudorada se oferecia.
Depois de saciar a fome dos homens, fui ao cofre da estalajadeira. Peguei a indenização por danos morais e corri para estação. Entrei num ônibus qualquer e, quando vi, chegava a Jaca, a 29 quilômetros da França.

35 - A cilada

Decidi que não tentaria mais conseguir o visto para a França. Simplesmente pegaria um trem e passaria pela fronteira. Ninguém pede documentos a um aleijado.
Numa pousada, me preparava espiritualmente para a viagem que mudaria a minha vida. Era um lugar barato, não ia desperdiçar o dinheiro da indenização. Uma noite, eu tomava uma ducha no banheiro coletivo quando a porta se abriu. Eu me esquecera de rodar a chave.
- Oh, perdón - era a vizinha do 103, uma jovem nos seus 15 anos.
- Eu é que me desculpo.
- Bueno, eu posso voltar outra hora.
- Não seja por isso, eu já estava acabando.
- Por favor, fique à vontade. Se não se importa, eu poderia...?
- Ah, sim, como no?
Então ela se sentou no vaso à minha frente. Continuei me ensaboando. Eu tomava banho de muleta, usava uma técnica complexa para não perder o equilíbrio. E a garota ali, fascinada. A esponja deslizava sobre as cicatrizes do meu corpo e seus olhos de azul profundo se arregalavam. Nesse momento um estrondo nos sacudiu. Era a porta se abrindo.
- Hijo de puta!
Foi o que gritou o pai da jovem, brandindo um porrete. Não que fosse uma competição. Mas todos sabem que os aleijados, como os tuberculosos, têm a libido exacerbada. Então me exibi com orgulho enquanto o pai da vadia se esganiçava. Uma armadilha, percebi logo. E dei o primeiro tiro.
- Seu porco - ele gritou, limpando o focinho que eu aspergira com a minha cupidez.
Foi um escândalo. Para não ser denunciado por corrupção de menores, tive que dar todo o meu dinheiro à dupla de achacadores. E ainda fui expulso da pousada.

36 - O ímpio

Eu passava os dias esmolando, mas Deus sabe como os espanhóis são avarentos. O que eu tirava mal dava para comer. Sem falar na comissão do sacristão: só assim ele me permitia fazer ponto na porta da catedral e me abrigar, à noite, na igreja.
Paradoxalmente, para um homem pio como eu, foi um materialista dialético quem mudou minha sorte. Conheci Jean-Louis quando, certa manhã, lhe estendi a mão na porta da catedral. Ele apenas deu um de seus sorrisos desvairados e entrou na igreja com um pacote. Pouco depois saiu sem o pacote.
- Não lhe dou um puto porque você é uma vítima do sistema - ele explicou, com forte sotaque francês, me ajudando a sair dali. - É preciso acelerar as contradições sociais.
- Estamos indo para onde?
- Para um lugar seguro.
Depois de alguns quarteirões, ele parou num telefone público.
- Policía? Escute bem: a catedral vai pelos ares. A sua maldita igreja em estilo romanesco, aquela bosta vai virar pó dentro de alguns segundos! Viva la révolution!
Ficamos ali na rua, esperando. Jean-Louis com aquela expressão demente.
- Esperamos o quê?
- Um grande bum! - ele berrou, enquanto carros de sirene ligada passavam em alta velocidade.

37 - O lornhão (I)

- Merde! Merde! Mil vezes merde!
Jean-Louis estava possesso. A bomba não explodira, ele não entendia

por quê. Estávamos em sua casa. Na ampla sala havia um grupo enorme de negros e árabes barulhentos, parecia convenção. Madame Curval, mulher do terrorista, se destacava em meio à gentalha. Preparando a mesa, mantinha-se imperturbável. Mas quando falava, todos faziam um silêncio reverente.

Foi uma noite divertida e instrutiva. Embora não entendesse patavina do que diziam, troquei muitas idéias com os integrantes daquela exótica matula. Ao fim, um dos árabes foi ao piano e martelou notas de uma canção típica. Sentada ao fundo da sala, madame Curval usava uma espécie de óculos sustentados por um cabo.

- Objeto interessante - observei.

- Trata-se de um lornhão - ela respondeu, severa.

Foi uma paixão fulminante.

38 - O lornhão (II)

Não conseguia conciliar o sono. A figura esbelta de madame Curval dominava meus pensamentos. O sangue latejava, ecoava nas cavernas do meu corpo mutilado. Fui para a sala. Diante da cadeira onde a mulher se sentara, me ajoelhei e comecei a lamber o assento.

- O que está fazendo, monsieur?

Era ela. Na penumbra da sala, sua visão era assustadora.

- Eu lhe fiz uma pergunta - madame disse, se aproximando.

- Estou procurando o... lornhão.

- Talvez eu possa ajudá-lo.

39 - O plano

Mesmo amados por seu Criador, Adão e Eva tiveram um dia que deixar o Éden. Toda noite eu e madame nos encontrávamos na sala

para procurar o lornhão. Mas eu sabia que aquela era apenas uma etapa na minha jornada. Em breve, precisaria partir. Foi o que anunciou Jean-Louis:

- Sabia que você me seria útil. Por isso o trouxe para cá.

Eu já conhecia o plano. Há dias ele vinha sendo discutido. A idéia de Jean-Louis era destruir a sociedade burguesa da França. Para isso, faria entrar, ilegalmente, em território francês, todos aqueles árabes e negros. Além de mim, é claro.

- Será o fim para os racistas franceses, vous comprenez? Eles verão suas filhas sendo comidas por árabes, negros e aleijados de orelha preta! Logo toda la France será uma nação de mestiços: parte árabe, parte negra e parte aleijada!

Seríamos o primeiro grupo, segundo o projeto de Jean-Louis. Logo outros estariam a caminho da França. Cruzaríamos a fronteira pelos Pireneus, uma cadeia de montanhas que se estende do Atlântico ao Mediterrâneo.

No dia marcado, fomos levados de caminhão até uma espécie de parque. Madame Curval dirigia. Na hora do adeus, limitou-se a um aceno apenas para Jean-Louis e partiu. Jurei: quando fosse mago, a jacobéia me pagaria por seu esnobismo.

Começamos a subir a montanha. À frente seguia Molotov, o cachorro do terrorista.

40 - A lamentação

Nossa coluna de desqualificados avançava a passos de cágado. Minha muleta afundava na neve, tornava a marcha ainda mais exaustiva. Com o sovaco inchado, sem um dos pulmões, respirando a custo, eu lamentava a minha sorte, blasfemava. Maldita corja, maldita a hora em que conheci Jean-Louis, sua mulher e seu lornhão. Eu não merecia aquele destino. A orelha implantada ardia com o frio insuportável. O vento cortante espetava meu rosto deformado. Maldita a hora em que deixara

o Rio, vendera o olho-de-boi do meu pobre pai, me lançara naquela aventura absurda, confiara minha sorte a Deus. Agora Javé me abandonava no meio daquela súcia. Eu morreria congelado na neve branca como a lepra.
O grupo iniciara a marcha animado.
- Allez, allez! Viva la révolution! - o terrorista gritava.
- Viva la révolution! - respondíamos. Até o cachorro Molotov latia alegre.
Aos poucos, no entanto, os árabes e negros foram se cansando e só abriam a boca para reclamar. O plano era de que estaríamos em quatro dias numa determinada cidade francesa. Lá, outro terrorista encaminharia a malta para diferentes pontos do país. Mas já se passavam sete dias e só o que víamos era a neve branca como a lepra.
- Avancemos! Viva la révolution.
Jean-Louis tentava levantar o moral da cambada, mas era inútil. O brilho das montanhas geladas cegou um dos árabes e houve um princípio de motim. Começou a faltar comida. O terrorista não admitia, mas estávamos perdidos.

41 - O sacrifício

Acampávamos à noite. De início, eram reuniões alegres, animadas por concursos de virilidade. Alguns homens se descontrolavam: saíam rebolando em volta do fogo e precisavam ser aquietados. Mas agora tudo mudara: olhávamos Jean-Louis de esguelha, planejávamos assassinatos. Ninguém estava seguro.
A primeira vítima foi Molotov. Desesperado com a falta de comida, um dos negros matou estrangulado o cachorro. Foi um duro golpe para Jean-Louis ver o bicho assando.
- Oh, mon Dieu!
O terrorista derramou lágrimas de uma dor intensa. Depois, organizou um júri popular. Absolveram o réu, mas Jean-Louis, mesmo assim, tirou

uma metralhadora da mochila e o matou. Em seguida, fez o mesmo com os 12 jurados. Do grupo de 21 pessoas, restaram apenas oito. E Molotov foi enterrado assado e intacto.

42 - O saldo

Jean-Louis mudou completamente após a chacina dos Pireneus. Estava taciturno, irascível, vivia nos ameaçando com a metralhadora.
- A bondade humana é uma obra de ficção - repetia, desolado.
Custava a ele aceitar a morte de Molotov. Para nós, pontas-de-lança da revolução, como o terrorista nos chamava, a situação era crítica. Obrigados a dividir meia lata de atum por dia, emagrecíamos de forma horrível. Logo a inanição começou a derrubar negros e árabes. Um a um, seus corpos ossudos foram ficando pelo caminho gelado. Restamos apenas eu e Jean-Louis.

43 - O nariz

Já vagávamos há três semanas, quando uma violenta tempestade se abateu sobre os Pireneus. Jean-Louis se agarrou a mim: estava perdendo a visão e tinha medo que eu escapasse. Fustigados pelo vento gelado, tentávamos em vão encontrar um abrigo. Foi quando minha muleta afundou mais de um metro na neve. Tentei me levantar, mas não consegui. Ali, com a cara no gelo, o vento rugindo, senti uma súbita sensação de paz.
- De pé, merde! Allez! - gritava o terrorista.
Mas eu não queria me levantar nunca mais. Então compreendi que era a morte me seduzindo. Comecei a me debater. Como quando tentamos acordar e não conseguimos. Pensei na busca pelo cajado, na minha missão. Sacudi todo o corpo, chupei o ar com a sofreguidão dos afogados. A sensação de paz logo se foi: no lugar dela, o tormento, a grande dor. Eu me debatia como o epilético de Betsaida.

- Não! - berrei.
- De pé, merde!
- Não! Não!

Num esforço sobre-humano, consegui me levantar. A vida vencera. Lágrimas de puro sal vincavam meu rosto deformado. Nesse momento, Jean-Louis deu um espirro tonitruante. Um pedaço de carne roxa se projetou a uns dois metros.

- Meu nariz!

Com a voz alterada pela emoção e pela falta do nariz, o terrorista, quase cego, caiu de quatro e começou a vasculhar a neve.

- Meu nariz! Me ajude a encontrar o meu nariz!

Como a justiça de Deus tarda mas não falha, achei por bem não interferir. Lutando contra a força da nevasca, escalei uma pedra e cheguei a uma espécie de plataforma. Ali, me abriguei numa abertura na rocha. Com satisfação, divisei o vulto de Jean-Louis, na desesperada busca por seu nariz. Seus gritos eram música para os meus ouvidos:

- Au secours! Au secours!

44 - A carne

Depois de uma noite tenebrosa, o dia amanheceu ensolarado. Deixei a gruta e encontrei o corpo do terrorista, congelado. Sua posição indigna, de quatro, me abalou profundamente. Como o frio ainda era intenso, tirei suas roupas e vesti por cima das minhas. Pelado, ninguém parece capaz de fazer uma revolução.

Aliviei minha tensão naquele traseiro que se oferecia. Depois, usei o abridor de latas para cortar sua carne em fatias. Não tinha gosto de nada.

45 - O contato

Já tinham se passado 40 dias e 40 noites, quando entrei em desespero. O traseiro fatiado de Jean-Louis acabara. Ao redor, nenhum sinal de vida. Me lembrei do tempo em que Davi passou escondido no ermo de Judá, para fugir da ira do rei Saul. E, no entanto, Davi lhe ofertara 200 prepúcios de filisteus. Da mesma forma, eu não compreendia como Javé podia ter me abandonado. O que mais eu poderia sacrificar por Ele? A minha própria vida?
Exaurido, desabei de joelhos.
- Deus! Deus!
Uma voz trovejante sacudiu a montanha:
- SIM!
- D-Deus?
- ALÔ?
- Javé?
- ALÔ!
- Alô!
- FALA!
- Eu... eu...
- ALÔ! A LIGAÇÃO ESTÁ UMA MERDA!
- Deus! Por favor!
- CHAMA DE NOVO!
- Não! Por favor! Deus! Deus!
Mas só o silêncio respondeu.

46 - O encontro

As trevas a tudo dominam. Olha, a mão de Javé rasga a escuridão. Seu pulso avança rapidamente. Cai na terra e aguarda a luz que chega. Mas esconde os olhos: em breve todo o lugar estará ocupado pelo Espírito Sagrado.

F I M

POSFÁCIO

O mago Elieó-Enai me pediu que organizasse o seu texto antes de se desmaterializar e partir para a constelação da Hidra Macha, onde hoje vive. As pequenas mudanças feitas no original tiveram a sua aprovação.
Elieó-Enai significa “Em Javé estão os meus olhos”. Foi o nome recebido pelo mago ao ser admitido na Irmandade Tobit de Naftali. Ele não chegou a percorrer o Caminho de Santiago, devido a uma fatalidade que conto a seguir. Mas a congregação, reconhecendo o seu sacrifício, abriu uma exceção e o aceitou entre os seus.
No último dia nos Pireneus, Elieó-Enai entrou inadvertidamente num túnel de quase oito quilômetros, por onde passa a estrada de ferro que liga Saragoça, na Espanha, à cidade de Pau, na França. Acabou sendo atropelado por um trem e perdeu as duas pernas.
Alguns personagens do diário do mago tiveram fim trágico. Seu pai sofreu um enfarte fulminante ao descobrir que sua coleção de selos fora vendida. O oficial da Imigração em Madri teve o pênis arrancado a dentadas por uma prostituta. Aliás, não convenci Elieó-Enai a dizer claramente o tipo de favor prestado ao policial. Quanto ao travesti Zinara, se matou tomando veneno, ao ficar sem o dinheiro para a operação de troca de sexo. Por fim, madame Curval, mulher do terrorista Jean-Louis, foi acometida por rara doença nos ossos, que a fez encolher até desaparecer por completo.

Itapoã de Andrade

Sobre o Autor:

ITAPOÃ DE ANDRADE

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1961. Formado em jornalismo, já tendo trabalhado em jornais, revistas, editoras e, por conta própria, como ghost writer.

Já teve um conto publicado numa coletânea, mas, segundo ele, era bem ruinzinho.

Em certa época, fazia charges e chegou a ter uma publicada no "Pasquim", além de ter sido selecionado para o Salão Internacional de Humor de Piracicaba.

Também já trabalhou como músico, mas as casas por onde passou foram à falência.

Para corresponder com ITAPOÃ DE ANDRADE escreva
itapoan_andrade@bol.com.br